

EXPECTATIVA E PARUSIA

Se é verdade que os cristãos têm esperado Cristo sem que Ele tenha vindo, também é verdade que, quando Ele realmente vier, o mundo não O esperará. Se é verdade que os cristãos têm imaginado sinais da Sua vinda, quando os não havia, é igualmente verdade que o mundo não verá os sinais da Sua vinda quando eles estiverem presentes.

Esses sinais não são de tal maneira evidentes que não tenhais de os procurar; de tal maneira evidentes que não possais enganar-vos na vossa investigação; e tendes a escolha entre o risco de pensar ver o que não é, ou o de não ver o que é. É verdade que, muitas vezes, em várias épocas, cristãos se enganaram crendo discernir a vinda de Cristo; mas mais vale mil vezes crer que Ele vem quando não vem, do que uma só vez crer que não vem quando vem.

Tal é a diferença entre a Escritura e o mundo: seguindo a Escritura, estaríamos sempre à espera de Cristo; seguindo o mundo, nunca O esperaríamos. Ora, Ele deve vir um dia, cedo ou tarde. Os espíritos do mundo escarnecem hoje da nossa falta de discernimento; mas, quem tiver tido essa falta de discernimento, triunfará então!

E que pensa Cristo do escárneo que hoje fazem? Adverte-nos expressamente, pelo Seu Apóstolo, contra os escarnecedores, que dirão: «Onde está a promessa da Sua vinda?» (2 Pedro 3:4).

Eu preferia ser aquele que, por amor a Cristo e falta de ciência, toma por sinal da Sua vinda algum espectáculo insólito no Céu, cometa ou meteoro, ao homem que, por abundância de ciência e falta de amor, não faz senão rir deste erro.

Observai ainda que, no caso de que faço, as pessoas que aguardam Cristo obedecem a Deus, não apenas pelo facto de aguardar, mas ainda pela maneira como aguardam, pelos próprios sinais segundo os quais aguardam. Sempre, desde o início, os cristãos aguardam Cristo nos sinais do mundo natural e do mundo moral. Se eram pobres e ignorantes, os fenómenos celestes, os tremores de terra, as tempestades, as searas destruídas, a doença, todo o acontecimento prodigioso ou estranho lhes fazia pensar que Ele estava próximo.

Se estavam dispostos a observar o mundo político e social, então as perturbações dos Estados, as guerras, as revoluções tinham também por efeito impressioná-los e manter os seus corações preparados para Cristo.

Ora, todas estas coisas são precisamente as que Ele nos disse para considerarmos e nos deu como sinais da Sua vinda: «E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas... Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima.» (Lucas, 21:25-28).

CARDEAL J. H. NEWMAN

(1801 — 1890)

SUMÁRIO

- O último mandamento com promessa
- O Sábado — Sinal da Justificação pela Fé
- Seguro Social Divino
- O Jubileu no Velho Testamento
- História do Mês
- Notícias do Campo
- Através do Mundo Adventista

MAIO 1972

ANO XXXIII

N.º 308

Director e Editor:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária:

PUBLICADORA ATLANTICO
S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V Ê M

Composto e impresso na

TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00
Estrangeiro (excepto Brasil e Espanha): 55\$00
Número avulso: 4\$00



O ÚLTIMO MANDAMENTO COM PROMESSA

Quando o apóstolo Paulo, referindo-se à obediência a prestar pelos filhos a seus pais, cita o quinto mandamento, menciona-o como sendo «o primeiro mandamento com promessa».

Esse mandamento faz parte do Decálogo e é o Decálogo que em geral temos em mente quando falamos de mandamentos. Pensamos até que somos fiéis cumpridores da vontade de Deus quando nos limitamos a obedecer a esses mandamentos.

É, no entanto, evidente que na Escritura Sagrada existem outros mandamentos, tanto no Velho como no Novo Testamento, a que igualmente se torna necessário obedecer.

É assim que, por exemplo, têm de ser interpretadas as seguintes palavras de Jesus: «Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.» João 13:34. E adiante: «O Meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei.» João 15:12.

E não será verdade que por vezes somos mais meticulosos em obedecer a qualquer preceito do Decálogo do que a este tão claro mandamento do Mestre?

Pouco antes de subir ao Céu, Jesus deu outro mandamento: «Ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado.» Mat. 28:19,20.

O emprego do imperativo mostra bem como Jesus atribuía a esta comissão o carácter de mandamento.

Com efeito, todo o que é chamado das trevas do erro e do pecado para a luz e a glória da salvação é, pelo Salvador, encarre-

gado de anunciar aos outros a mensagem do Evangelho.

Essa tarefa não é confiada apenas aos ministros. Ela incumbe a todo o membro que passou a fazer parte do reino de Deus.

«A ordem de Cristo: 'Ide por todo o Mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura', é dirigida a todos os Seus seguidores. Todos os que são chamados à vida de Cristo, o são também para trabalhar pela salvação do próximo. Seu coração palpitará em harmonia com o de Cristo. A mesma paixão pelas almas que Ele sentiu será manifestada neles. Nem todos podem preencher o mesmo lugar na obra, mas há lugar e trabalho para todos.» — Parábolas de Jesus, págs. 300, 301.

Este é um mandamento, cuja realização transcende as nossas forças. Quem somos nós para levar os pecadores ao arrependimento, para operar a conversão de almas perdidas no erro e no pecado?

É aqui, mais do que em qualquer outro aspecto da nossa obra, que necessitamos do poder do Alto. E é aqui, precisamente, que temos a promessa d'Aquele que tem «todo o poder no Céu e na Terra»: «Eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos». Mat. 28:20.

Quando dedicamos o nosso tempo, as nossas energias, os nossos talentos e os nossos meios ao cumprimento deste mandamento, não ficamos sozinhos. Temos a promessa de que Jesus, pelo Seu Espírito, estará conosco.

Com tão peremptória promessa, podemos estar certos do êxito.

Ernesto Ferreira

O Sábado

Sinal da Justificação pela Fé

Por J. L. Shuler

Que tem a guarda do sétimo dia que ver com a justificação pela fé? A justificação pela fé é a solução de Deus para o problema do pecado. Este problema apresenta-se sob duas formas: Como podem os pecados passados de um pecador ser removidos? Como poderemos ter a vitória sobre o pecado após o perdão? Ou como poderemos pôr em ordem a nossa vida com Deus, e permanecer sem pecar?

A única solução para este problema duplo é uma dupla aplicação da perfeita justificação de Cristo. No momento em que o pecador recebe o Senhor Jesus como seu Salvador pessoal, a justiça de Cristo é-lhe creditada. Então, ao cristão inteiramente entregue, Cristo incute a Sua justiça para que ele não peque.

Noutras palavras: A justiça imputada por Cristo é justificação; a justiça participada é santificação. Esta é a justificação pela fé em forma de comprimido.

A justiça de Cristo manifesta-se pela obediência a todos os mandamentos de Deus (Rom. 8:3; 10:4). Não pode ser de outra maneira porque Cristo foi obediente aos mandamentos. A guarda do Sábado é um fruto natural da justiça de Cristo na justificação e na santificação. O Sábado constitui para a humanidade um sinal com quatro alíneas: criação, redenção, libertação do pecado e santificação.

Na genuína observância do Sábado, o crente não o guarda para se fazer justo. Mas guarda o Sábado de Cristo porque recebeu e ainda recebe a perfeita justiça de Cristo.

Uma macieira não é macieira por dar maçãs. Primeiro tem de ser uma macieira. Depois vêm as maçãs como fruto natural.

O genuíno observador do Sábado não deixa de ter actividades proibidas no dia de Sábado a fim de ganhar os favores de Deus. Mas porque ama a Deus procura utilizar as horas do dia de Sábado a fim de se aproximar mais d'Ele.

Meditemos nas implicações de considerar o dia de Sábado como um sinal de Cristo como Criador e Redentor. Lembra àquele que o observa de que está completamente dependente de Cristo cada vez que respira ou que o seu coração bate. Ninguém pode

manter viva a sua própria alma. Do Criador procede a própria existência.

A guarda do Sábado mostra-nos que apenas Aquele que nos criou nos pode salvar. Apenas a Sua justiça nos pode fazer o que devemos ser. Atira a glória do homem por terra, arrancando o egoísmo à vida. Ajoelhamo-nos aos pés da cruz em entrega completa. «Nada trago na minha mão; apenas me agarro à Tua cruz.»

Uma Resposta ao Amor de Deus

A verdadeira guarda do Sábado é uma salvaguarda contínua contra o orgulho, a suficiência própria, o materialismo, o formalismo e a ingratidão. Torna-se uma resposta de amor do coração convertido ao amor que Deus pôs na criação e na redenção — os dois actos mais sublimes de Deus em favor do homem caído.

Milhares de cristãos sinceros têm voltado as costas à guarda do sétimo dia movidos por um raciocínio falacioso de que essa guarda é contrária ao facto de a salvação ser apenas pela graça. Dizem que a epístola aos Gálatas, no Novo Testamento, condena qualquer tipo de legalismo, no que diz respeito à guarda de um dia. Pretendem que a guarda do sétimo dia é uma manifestação de legalismo com a qual os cristãos não deviam ter nada que ver, sob o perigo de saírem da graça.

Mas vejamos. O que é legalismo? Podemos defini-lo como uma tentativa do homem de obter a salvação pelos seus próprios esforços; ou colocar-se dependente da lei de Deus e de outras observâncias, como meio de justificação diante de Deus. Mas a Bíblia declara: «Nenhuma carne será justificada diante d'Ele pelas obras da lei.» (Rom. 3:20).

Pontos a Considerar

Aqueles que denunciam a guarda do Sétimo Dia com legalismo devem considerar o seguinte: Será o facto de nos abstermos de adorar falsos deuses e de tomar o nome de Deus em vão (segundo o primeiro e o terceiro mandamentos) contrário à salvação pela graça? Ser puro, honesto, verda-

deiro (segundo o sétimo, oitavo e nono mandamentos) será contrário à graça gratuita? A resposta a ambas as perguntas é Não. Da mesma maneira a guarda do sétimo dia, segundo o quarto mandamento, motivado por uma alma renovada não é legalismo nem contrária à salvação pela graça.

Não é nitidamente ilógico para os que se opõem ao sétimo dia, admitirem que um cristão deve viver em harmonia com nove dos Dez Mandamentos, podendo contudo violar impunemente o quarto mandamento? A Bíblia diz: «Qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos» (Tiago 2:10). O Cristão justificado será obediente a todos os mandamentos (1 João 2:3, 4; Cf. Sal. 40:8).

Os judeus transformaram a guarda do Sábado em legalismo. A sua observância constituía um sinal de justificação pelas obras. Mas isso era exactamente o oposto do que Deus desejava que fosse. A guarda do sétimo dia por alguém movido de falsos motivos, juntamente com a falta de uma experiência válida com o Senhor, constituem parte do sistema errado de salvação pelas obras. Mas a guarda do sétimo dia como um sinal genuíno de verdadeira santificação é um índice de salvação pela graça.

Sob a Influência do Amor

Não estamos aqui para deitar água quente e fria na fervura ao mesmo tempo e sobre o mesmo assunto. A oração, a assistência à igreja, as obras de caridade, o dízimo, a apresentação de ofertas liberais, tudo isso pode ser em parte legalismo e justificação pelas obras, se for feito com o intuito de obter salvação. Por outro lado, esses mesmos actos, motivados pelo amor, são uma parte da salvação pela graça e da justificação pela fé.

Ninguém pode guardar o sétimo dia de uma forma ideal a menos que possua uma experiência espiritual válida, de justificação pela fé. Assim a observância do dia genuíno, de uma maneira válida, é verdadeiramente um sinal de justificação pela fé. Mostra que é essencial para todos a observância dos mandamentos de Deus.

Paulo salientou o ponto de que a fé pelas obras é o que realmente conta. «Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão tem virtude alguma; mas sim a fé que opera por caridade.» (Gál. 5:6).

Quando possuímos uma fé que age pelo amor não guardamos o Sábado coagidos pelo dever, meramente porque «temos de o fazer». Mas esse amor constrange-nos a obedecer e torna essa observância um prazer.

Cada um necessita de se perguntar a si

mesmo: Guardo eu o Sábado meramente porque segundo a lei de Deus tenho de o fazer, ou porque gosto de fazer assim para desse modo poder fruir um companheirismo mais intenso com Cristo durante esse dia, que é Seu? A resposta que possa dar no seu caso, revelará se está seguindo a justificação pela fé ou pelas obras.

Aquele que tem o amor de Deus no seu coração deseja acima de tudo obedecer a Cristo. Não necessita de ser empurrado para a obediência. O amor de Cristo constrange-o a obedecer. A expressão do seu íntimo é: «Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Deus meu; sim, a Tua lei está dentro do meu coração.» (Sal. 40:8).

Nenhum homem, nenhuma mulher, pode experimentar o amor de Cristo no seu coração, sem a reciprocidade desse amor. «Nós O amamos porque Ele nos amou primeiro» (1 João 4:19). Assim o amor dentro de nós leva-nos a deleitar-nos por Lhe obedecermos.

E surge então uma pergunta premente na nossa alma: Obedeço eu a Jesus e guardo o Seu Sábado movido por um impulso gerado pelo amor divino, ou faço-o eu sob o pensamento de ser obrigado a isso por se tratar de uma lei divina?

Alguns dizem que a guarda do domingo em honra da ressurreição de Cristo faz parte da justificação pela fé. E que a guarda do sétimo dia é justificação pelas obras.

Não encontramos base bíblica para observarmos o primeiro dia da semana em honra da ressurreição do Senhor. A Bíblia mostra-nos que a substituição de normas feitas pelos homens no lugar do que Deus mandou, é uma das muitas maneiras de procurarmos salvar-nos a nós mesmos, ou noutras palavras é um falso sistema de justificação pelas obras. Jesus tornou isso claro quando disse: «Em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens». (Mat. 15:9).

Assim a substituição do domingo criado pelo homem, em lugar do sábado, sétimo dia instituído por Cristo, é uma forma de justificação pelas obras. Aqueles que guardam o domingo não compreendem isso. Mas um dia, quando a mensagem da justiça de Cristo iluminar o mundo com a glória de Deus, muitos verão a verdade acerca deste assunto e voluntariamente guardarão o sétimo dia como sinal da justificação pela fé.

Em Novidade de Espírito

Os judeus cometeram o erro de observar legalisticamente a lei à letra, perdendo de vista o espírito da lei. Em contraste directo, o verdadeiro cristão vai além da letra da

lei, produzindo obediência ao espírito da lei. Tal obediência não é um meio de salvação mas o fruto da operação da graça na vida. Foi assim que Paulo fez referência ao declarar que o cristão deve viver em novidade de espírito e não na velhice da letra (Rom. 7:6).

Alguns pretendem que viver em novidade de espírito e não na velhice da letra significa que se pode violar a letra do Decálogo, continuando a obedecer-lhe no espírito. Aplicam este falso raciocínio ao mandamento do Sábado. Pretendem que a velhice da letra significa que o dia exacto — o sétimo — tal como vem especificado no mandamento, não necessita de ser guardado pelos cristãos, e que a novidade de espírito significa que a guarda do Domingo mantém o espírito da lei.

É verdade que uma pessoa pode seguir a letra da lei e não obedecer ao espírito da lei. Mas ninguém que obedece à lei em espírito viverá contrariamente à sua letra. Isso está exemplificado no mandamento «Não matarás.» Se amar os seus inimigos e o seu próximo como a si mesmo, no espírito do sexto mandamento, nunca violará a sua letra.

Considerai o oitavo mandamento: «Não furtarás». O espírito deste mandamento é que devemos «ser honestos». Aquele que é honesto não furta. Aquele que obedece à lei em espírito não vive contrariamente à letra. O espírito da lei implica guardá-la no seu sentido mais completo e mais profundo.

Portanto este assunto de vivermos em novidade de espírito e não na velhice da letra, não torna a guarda do sétimo dia menos necessária. Mas implica a verdadeira guarda do Sábado, tal como Jesus o fez, e não na velhice da letra segundo a observância legalista do Sábado, como era hábito dos fariseus.

«Para aqueles que guardam o santo dia de Sábado, é um sinal de santificação. A verdadeira santificação implica harmonia com Deus, unidade com Ele no carácter. Essa santificação é recebida por meio da obediência aos princípios que são uma demonstração do Seu carácter. E o Sábado é um sinal de obediência. *Aquele que de coração obedecer ao quarto mandamento, obedecerá a toda a lei.*» — *Testimonies*, vol. 6, pág. 350 (Itálico nosso).

O Sábado como um Sinal

Por que razão é assim? Porque o Sábado, quando é guardado como Deus ordenou, é um sinal de que Cristo santifica e salva um ser humano do pecado (ou da transgressão da Sua lei) pela Sua presença dentro do

seu coração. Cristo vive nele uma vida de obediência a todos os Seus mandamentos (Gál. 2:20).

O Sábado, como sinal do Criador, é o selo do Decálogo. Um selo é usado para dar validade a um documento. Os selos ou as assinaturas dos que fazem uma escritura, garantem a validade do que nela é exposto. Assim a verdadeira guarda do Sábado é um sinal da obediência do ser humano a todos os outros mandamentos. Desta maneira o Sábado projecta-se em cada dia da semana e em todos os mandamentos.

«Devemos compreender as suas implicações espirituais em todas as facetas da vida. Aqueles que consideram o Sábado como um sinal entre eles e Deus, mostrando que Ele é o Deus que os santifica, seguirão os princípios do Seu governo. Praticarão diariamente as leis do Seu reino. Será sua oração quotidiana que a santificação do Sábado possa repousar sobre eles. Terão cada dia um companheirismo com Cristo e evidenciarão a perfeição do Seu carácter.» — *Testimonies*, vol. 6, págs. 353, 354.

Cristo espera que cada um que O aceite como Senhor e Salvador mostre a sua fé guardando o sétimo dia como sinal de que Ele é o Criador e único verdadeiro Senhor e Salvador da humanidade.

Milhares de cristãos sinceros têm aceitado a Cristo e Sua justiça, pela luz que têm recebido da Palavra de Deus. Guardam sinceramente o domingo porque pensam que isso faz parte da vontade de Jesus. Mas quando virem nas Escrituras que Cristo deu o sétimo dia como um sinal de que Ele é o Criador e o Santificador, o seu amor por Cristo levá-los-á a aceitar o Seu Sábado de coração alegre. Reconhecerão que a aceitação do Sábado é uma parte natural, lógica, essencial à aceitação de Cristo como seu Senhor e Salvador. A aceitação do evangelho completo inclui a guarda do Sábado de Cristo.

«A ordem de Cristo: 'Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho, a toda a criatura', é dirigida a todos os Seus seguidores. Todos os que são chamados à vida de Cristo, o são também para trabalhar pela salvação do próximo. Seu coração palpitará em harmonia com o de Cristo. A mesma paixão pelas almas que Ele sentiu será manifesta neles. Nem todos podem preencher o mesmo lugar na obra, mas há lugar e trabalho para todos.» — *Parábolas de Jesus*, págs. 300, 301.

ISRAEL NO PLANO DE DEUS

*«O Senhor teu Deus te fará
abundar em toda a obra
das tuas mãos.»*

(Deuteronómio 30:9.)

Deus manifestou sempre uma preocupação constante nas Suas relações para com Israel. Em cada situação que o povo enfrentava, Deus esforçava-se por desenvolver em Seus filhos o sentimento da sua dependência completa e absoluta em relação a Ele.

Eles haviam sido escravos durante muitos anos. Estavam habituados a representações concretas da divindade — rãs, moscas, serpentes e outras. Era-lhes difícil conceber um deus invisível. Acontece o mesmo hoje, em que os homens se fiam mais de boa mente nos deus que vêem: conta no banco, valores imóveis, do que num deus invisível.

Deus tinha um generoso plano para o povo de escravos que acabava de libertar do jugo da mais poderosa nação da época. Mas, para que este plano resultasse, era preciso que os dele iriam beneficiar depositassem em Deus a mais completa confiança, por mais desfavoráveis que as circunstâncias lhes pudessem parecer. Ele preparou-os para o seu glorioso destino por meio de excepcionais manifestações do Seu poder.

Os israelitas não tinham qualquer prática da guerra, não tinham armas, mas Deus libertou-os de um exército poderoso e bem treinado. No meio de uma terra árida, deu Ele a esta multidão e aos seus rebanhos águas abundantes que brotaram de um rochedo. Alimentou-os com o pão do céu durante quarenta anos num dos mais inóspitos desertos. Moisés podia dizer no fim deste período: «Quarenta anos vos fiz andar pelo deserto: não se envelheceram sobre vós os vossos vestidos, e nem se envelheceu no teu pé o teu sapato.» (Deut. 29:5.) Um único par de sapatos em quarenta anos!

Finalmente, Deus fez parar o curso do Jordão que estava no seu mais elevado nível, na primavera, quando se fundem as neves do Monte Hermon, a fim de que os Seus

filhos pudessem entrar a pé seco na terra prometida. E encontraram a sua nova pátria tal como Deus lhes havia prometido e bem além dos seus sonhos. Deus tinha já estabelecido para eles um plano de seguro social para uma grande sociedade.

O seu plano era fácil de compreender, eficaz, belo e simples. Se eles obedecessem às Suas exigências e às Suas instruções, Deus proveria todas as suas necessidades materiais. Além disso, nenhum limite ou restrição era arbitrário. Cada palavra, cada instrução, cada advertência não era dada senão para fazer deles homens felizes e de boa saúde, um povo santo. Consideremos a maravilhosa providência de Deus para com eles:

«Porque a terra que entras a possuir não é como a terra do Egipto, donde saíste, em que semeavas a tua semente e a regavas com o teu pé, como a uma horta. Mas a terra que passais a possuir é terra de montes e de vales: da chuva dos céus beberá as águas: terra de que o Senhor teu Deus tem cuidado: os olhos do Senhor teu Deus estão sobre ela continuamente, desde o princípio até ao fim do ano. ... Então darei a chuva da vossa terra a seu tempo, a temporã e a serôdia, para que recolhas o teu grão, e o teu mosto e o teu azeite. E darei erva ao teu campo, aos teus gados, e comerás e fartar-te-ás.» (Deut. 11:10-15).

No plano divino não havia necessidade de seguro contra a doença porque: «O Senhor de ti desviará toda a enfermidade.» (Deut. 7:15.) Não havia necessidade de beneficência, porque: «Sòmente para que entre ti não haja pobre: pois o Senhor abundantemente te abençoará na terra que o Senhor teu Deus te dará por herança, para possuí-la.» (Deut. 15:4.)

A única preocupação de Deus em relação ao povo que tão abundantemente Se preparava para abençoar, era que ele não esquecesse. Quando os seus rebanhos tivessem aumentado, quando tivessem amontoado ouro e prata, quando os seus bens se tivessem multiplicado, eles correriam o risco de esquecer que fora Deus Quem permitira todas essas coisas. Correriam o risco de esquecer que Ele lhes tinha dado as suas casas e os seus campos e que Ele assegurara

a prosperidade aos seus empreendimentos. Foi por isso que Deus recomendou a Moisés de os advertir constantemente deste perigo. Por último, através dos seus profetas, Deus anunciou ao Seu povo que O iriam esquecer, perder o benefício das Suas mercês e voltar para o cativoiro.

Isso poderia não ter acontecido, porque Deus provera uma salvaguarda. Ele tinha dado ao Seu povo instruções precisas acerca da administração das posses materiais. Se tivessem observado estas instruções com fé e amor, os hebreus nunca teriam esquecido o seu Benfeitor Celestial.

Dez por cento das suas receitas deviam ser devolvidas a Deus; era a Sua parte na sociedade que fizera com Seu povo. Ele dera a terra, garantira a fertilidade do solo, a quantidade apropriada de chuva no momento oportuno e as colheitas abundantes. Fornecera tudo e essa era a Sua contribuição. Os israelitas trouxeram-se apenas a si próprios. E todavia, Deus não pedia senão 10 % do benefício. O pagamento do dízimo devia lembrar-lhes constantemente a sua posição de gerentes para com Deus.

A seguir Deus previra que se Seus filhos O amassem verdadeiramente, eles poderiam manifestar-Lhe esse amor por meio de ofertas feitas voluntariamente. É impossível esquecer quem se ama verdadeiramente.

Três vezes por ano, os homens deviam ir ao santuário ou, mais tarde, ao templo, para levar as suas ofertas. Cada ano era consagrado um mês inteiro a estas viagens. Como esquecer, apesar de tudo isso? E, todavia, Deus não perdeu oportunidade alguma de refrescar a memória de Seus filhos através de toda uma série de milagres.

Eles estavam ainda rodeados por inimigos cruéis, vizinhos guerreadores, cujo território eles agora possuíam. Que iria acontecer aos seus lares e às suas famílias se ninguém lá ficava para as proteger? (É interessante notar que toda a nação israelita ficava sem protecção visível durante estas três festas anuais.)

Mas Deus previra estas circunstâncias.

«Três vezes por ano todo o macho entre ti aparecerá perante o Senhor Jeová, Deus de Israel; porque Eu lançarei fora as nações de diante de ti, e alargarei o teu termo: *ninguém cobiçará a tua terra* quando subires para aparecer três vezes no ano diante do Senhor teu Deus.» (Exo. 34:23 e 24.) Uma solução tão simples! Deus suprimia simplesmente os desejos de qualquer pessoa que quisesse fazer mal ao Seu povo.

Porque instituiu Deus os dízimos e ofertas? Teria necessidade de dinheiro? Certamente que não. O salmista, falando do Se-

nhor, diz: «Porque meu é todo o animal da selva, e as alimárias sobre milhares de montanhas. Conheço todas as aves dos montes e minhas são todas as feras do campo. Se Eu tivesse fome, não to diria, porque Meu é o mundo e a sua plenitude.» (Sal. 50:10-12.)

Por que razão, então? Muito simplesmente porque Deus não queria que Seus filhos esquecessem a sua dependência d'Ele. Porquê? Porque o homem é incapaz de controlar o seu meio ambiente e tem, por conseguinte, necessidade de Deus.

Só um Deus Criador e Todo-Poderoso pode vencer as mais terríveis doenças, fornecer a quantidade de chuva necessária no momento desejado e garantir ceifas abundantes cada ano. O pecado alterou de tal maneira as forças da natureza que o homem é impotente neste mundo se não for a intervenção e domínio divinos. Todavia Deus garantiu a Seus filhos um ilimitado seguro social e sabia que isso era impossível se não colocassem a sua confiança n'Ele.

Há alguns anos, um homem que se dizia cristão possuía uma propriedade que tinha colheitas tão abundantes que o montante dos seus dízimos representava uma importante quantia em dinheiro. Talvez que o proprietário pensasse que Deus não tinha sabedoria para gerir tão grande quantia, ou talvez o dinheiro lhe tivesse subido um pouco à cabeça; o que é certo é que em vez de fazer com o dinheiro o que Deus pedira, ele investiu-o numa outra propriedade. Ao pastor, que o procurara e procurava mostrar-lhe os perigos da sua atitude, respondeu ele que com os lucros das duas propriedades poderia fazer muito mais pela obra de Deus. (Quantas vezes o demónio não emprega esta linguagem!)

As duas propriedades produziram tanto que em breve ele pôde comprar uma terceira e depois uma quarta, ao ponto de as suas propriedades se estenderem para além das colinas vizinhas. Ele tranquilizava a sua consciência pensando no momento longínquo em que faria grandes coisas para Deus.

Um dia veio o granizo. Teve que vender uma propriedade, depois outra e depois outra ainda. Os gafanhotos obrigaram-no a vender mais um bocado e finalmente ele encontrou-se apenas com a primeira propriedade e ameaçado de a perder também.

«Não compreendo, disse ele um dia ao pastor, porque Deus não me abençoa.» A despeito dos amáveis conselhos deste, ele olhava, sonhador, os campos que um dia considerara como seus. Era incapaz de dominar as circunstâncias.

Alguns pensam que o plano de Deus para Israel era excelente, mas já não é válido hoje. Crê-se que as coisas são diferentes. Preocupamo-nos com a conservação do solo, temos os adubos, os postos agrários, a meteorologia e tudo o que a técnica pode oferecer. Notemos, porém, que temos também as inundações, os furacões, as más colheitas, os solos arruinados e doenças cuja existência os israelitas ignoravam.

A fome e a doença assolam o mundo. O futuro é incerto e imprevisível. O homem jamais poderá realizar um verdadeiro seguro social, porque é incapaz de dominar os elementos que formam o quadro da sua vida. O tempo frustra as mais brilhantes realizações da técnica moderna.

A única solução para os problemas que o mundo enfrenta reside numa confiança absoluta em Deus e numa total dependência d'Ele. Ele fez o mundo e só Ele o pode controlar. Eis a razão porque Jesus insistiu tanto sobre o facto de que a felicidade não depende da posse de bens materiais. A posse só gera dores de cabeça. E quanto mais se possui, mais sujeito se está a dores de cabeça. A verdadeira felicidade, ensinava Ele, provém da fé e da confiança em Deus e repousa sobre a certeza de que, aconteça o que acontecer, Deus cuida dos Seus filhos. «Finalmente, disse o Senhor, Deus tem cuidado das avezinhas, da erva e das flores.»

Citemos agora um outro agricultor que parece ter compreendido este grande princípio. Lia ele um dia a sua velha Bíblia quando descobriu de repente o princípio de um Deus Proprietário. Ajoelhou-se e orou: «Senhor, eu pensava que possuía esta propriedade, mas acabo de compreender que não é assim. Vou, pois, devolver-ta. Dora-vante administrá-la-ei para Ti.» Reflectiu durante um longo momento e a seguir continuou a sua oração: «Nós aqui em baixo fazemos coisas muito estranhas, e espero que me perdoarás, mas é preciso que a propriedade continue no meu nome. Todavia, entre nós, nós saberemos quem é o verdadeiro proprietário.»

Alguns dias depois ele foi à cidade e encontrou alguns vizinhos na rua.

«Desfiz-me da minha propriedade, anunciou ele.

— A quem a vendeu?

— Oh! Não a vendi, devolvi-a ao seu verdadeiro proprietário.

— Pensávamos que a propriedade era sua.

— Também eu; mas estava enganado, ela pertenceu sempre a Deus.»

Os amigos abanaram a cabeça e sorriram, perguntando a si próprios se o nosso homem não se teria exposto demasiado ao

sol. Mas ele insistiu: «Isto tira de cima de mim um grande peso. Já não tenho que me inquietar com a propriedade. A minha única preocupação será explorá-la o mais eficientemente possível. Basta-me perguntar cada manhã a Deus o que quer que eu faça e é deste modo que trabalho.»

Veio depois o dia terrível em que os gafanhotos invadiram os campos dos seus vizinhos e devoraram tudo. Os gafanhotos atravessaram a estrada e ali também devoraram tudo até à mais pequena haste de erva. Um dos vizinhos que ia para a cidade, passou por casa do nosso fazendeiro e disse-lhe: «Eis que tudo muda sobre aquele assunto de Deus ser o proprietário da sua terra! Vi os gafanhotos comerem toda a sua propriedade.

— Isso não muda nada naquilo que me diz respeito, replicou o lavrador.

— Como não muda? perguntou o vizinho.

— Deus possui a propriedade, mas Ele possui também os gafanhotos. É livre de fazer pastar os seus gafanhotos nas suas terras. Nada tenho a dizer.»

Quem preferis vós ser? O primeiro fazendeiro, que comprava propriedades mas esteve a pontos de perder até a sua primeira propriedade, ou o segundo que, atingido por uma calamidade semelhante, não se inquietava, seguro de que Deus tomaria cuidado dele e da sua família, acontecesse o que acontecesse?

Era este o plano de Deus para os israelitas. Desejava que depositassem n'Ele uma confiança absoluta, fossem quais fossem as circunstâncias; deviam permanecer calmos, certos de que Deus tomaria cuidado deles e proveria todas as suas necessidades. A sua vida tranquila teria sido um poderoso testemunho aos olhos do mundo mostrando que o seu Deus era um Deus de amor.

Melvin E. Rees (Rees)

«O mordomo identifica-se com o patrão. Aceita as responsabilidades de um mordomo e deve agir em lugar do amo, fazendo o que este faria se estivesse presidindo. Os interesses do amo tornam-se seus. A posição do mordomo é uma posição de dignidade, porque o amo nele confia. Se, de qualquer modo, actuar egoistamente, e reverter as vantagens obtidas pelo negociar com os bens do seu senhor em seu próprio proveito, traiu a confiança nele depositada.» — **Conselhos sobre a Mordomia**, pág. 113.

O Jubileu no Velho Testamento

SEU SIGNIFICADO E SUAS PRESCRIÇÕES

por Daniel Simões da Silva

Entre as principais leis moisaicas de carácter social e religioso, encontramos as solenidades do Ano Sabático e do Jubileu. Ambas se caracterizam pelo ritmo septenário, ou seja, por períodos consecutivos de sete anos. Assim como a semana de labor termina pelo dia de descanso sabático, também a semana de anos acabava com o Ano Sabático e cada sete semanas de anos ($7 \times 7 = 49$) culminava com o Ano do Jubileu.

Nas Escrituras, as práticas do Ano Sabático confundem-se com as do Jubileu, como veremos. Por isso, em nosso estudo, elas se associam, como acontece, aliás, na proclamação por Moisés no Sinai. Vejamos o que a inspiração escreveu: «E falou mais o Senhor a Moisés no Monte Sinai, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando tiverdes entrado na terra que Eu vos dou, então a terra guardará um Sábado ao Senhor; seis anos semearás a tua terra... porém ao sétimo ano haverá Sábado de descanso para a terra... Também contarás sete semanas de anos, sete vezes sete anos, de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos. Então aos dez do sétimo mês, farás passar a trombeta do Jubileu, no dia da expiação... e apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores.» (1)

Estas foram as palavras do Senhor no Sinai, na instituição do Jubileu, nesse cenário onde ressoaram os trovões paralelamente à voz de Deus, aquando do Decálogo e outras leis. Agora aí nova lei era proclamada. Porque desejou o Senhor associar tal norma ao Sinai? De certo, «para sublinhar que esta lei era rigorosamente religiosa». (2) Com efeito, o anúncio solene do Ano Jubilar coincidia com um contexto especialmente religioso, ou seja, o dia do Grande Perdão, conhecido como a Festa da Expiação.

O Espírito de Profecia confirma este aspecto religioso, dizendo: «No grande dia das expiações oferecia-se reparação pelos pecados de Israel e com verdade e alegria o povo recebia o Jubileu.» Falando ainda do Ano da Remissão, acrescenta: «Tinham mais tempo para a oração e meditação, e

para se familiarizarem com os ensinamentos de Deus.» É sob este prisma «essencialmente religioso» (2) que importa vermos a solenidade do Jubileu, se bem que nos convenha estudá-la no seu todo para melhor extrairmos o seu significado e as prescrições. Entretanto analisemos o sentido de algumas expressões usadas para descrever o Ano Jubilar.

«O Ano Aceitável do Senhor» (Isa. 61:2) — «O adjectivo 'aceitável', em hebraico 'ratson', é tirado do verbo 'ratsh', que significa pagar uma dívida, tanto quando se refere ao homem que oferece o pagamento, como a declarar-se satisfeito quando se trata de Deus que aceita o pagamento.» (4) O vocábulo «ratson» enriquece o sentido, quando apresenta o duplo significado do «Ano Aceitável», ou seja, o dever do homem e a atitude divina que aceita sua decisão. Caso o homem hesite em cumprir a ordem de Jeová, Isaías apresenta «a vingança do Senhor», em que Deus é o «goel» ou vingador do próximo parente ofendido.

O «Ano da Graça», como traduziu Segond para o francês, é sem dúvida já uma antevisão da Graça de Deus, à qual se segue Seu Juízo (vingança) final.

«O Ano da Liberdade» (Ezeq. 46:17) — Ezequiel chama ao Jubileu «Ano da Liberdade». A palavra que descreve esta expressão em hebraico é «derôr» (4), que significa liberdade em Isa. 61:1 — «liberdade aos cativos» — e ainda em Lev. 25:10 — «apregoareis liberdade na terra».

O vocábulo «derôr» parece ser utilizado com um sentido técnico, para designar a libertação periódica de escravos, prescrita pelo Jubileu.

O Senhor mentalizava o Seu povo que n'Ele só encontraria a libertação da escravidão. Ainda se mantinha fresca a recordação dessa tão maravilhosa salvação da servidão egípcia.

«O Ano da Remissão» (Deut. 31:10; 15:9) — Na língua dos hebreus o termo usado é «shemitta», que se encontra apenas no Deuterónimo, correspondendo exactamente à «liberdade» (derôr) de Levítico 25. É tirado do verbo «shamat», que significa: deixar livre, folgar, soltar, anular (uma dívida). (4)

Em Deut. 15:1-11, a palavra «shemitta» aparece seis vezes e traduz-se por: descanso, remissão ou liquidação periódica de dívidas. Assim com o povo devia praticar o perdão ou remissão de bens, também no aspecto espiritual o Senhor preparava Seu perdão na mente dos Seus filhos, que por sua vez se perdoariam mutuamente.

A «*Aphesis*» — A Septuaginta, versão grega do Velho Testamento, traduz os vocábulos «derôr» e «shemitta» por uma só palavra: a «áphesis». Assim em Isaías 61:1, podíamos ler com a Septuaginta: «O Senhor enviou-me a apregoar a 'áphesis' aos cativos», bem como em Lev. 25:10: «apregoareis a 'áphesis' na terra», e em Deut. 31:10: «ano da 'áphesis'». Este substantivo grego passa a designar, no contexto jubilar, a liberdade ou libertação de um escravo, a remissão de uma dívida. O termo «áphesis» é tirado do verbo grego «aphíemi», que significa: enviar para longe de, libertar, remir uma dívida, deixar de lado. Nos Evangelhos, onde esta palavra ganha interesse, é muitas vezes usada para descrever a obra de libertação em Jesus, com veremos num estudo especial para o Novo Testamento.

A «*Apokatástasis*» — Esta palavra helênica significa: restabelecimento de uma pessoa ou coisa no seu estado anterior); restauração; restituição (de prisioneiros ou reféns). Foi usada pelo filósofo judeu Filão, que foi contemporâneo de Jesus, para designar o Jubileu, ao qual ele dedica alguns capítulos em suas obras. Também o apóstolo Pedro, em Actos 3:21, o utiliza com o sentido de restauração. Na verdade, o Jubileu tinha por missão restabelecer todas as coisas das tribos de Israel, no anterior estado, ao entrarem em Canaã. Sem dúvida que este ano de restauração prefigurará a Obra restauradora do Messias, no homem.

«O Jubileu»

Este termo, em hebraico «Yobel», parece não ter um significado particular. «Yobel» é provavelmente o nome do chifre de bode («yobel»), que servia de trombeta na proclamação do início do Ano Jubilar, cada quinquagésimo ano. Com efeito, o Levítico assim previa: «Aos dez do sétimo mês, farás passar a trombeta do Jubileu ('yobel')». Se considerarmos que as trombetas naqueles tempos se faziam de pontas de animal, e se «yobel» era o nome do animal (bode), não duvidaremos de que a origem da trombeta desse o nome à festividade.

A palavra equivalente no latim é «jubillum», tirado do verbo «jubilare», que significa: exultar, alegrar-se. Sabemos que, com o tempo, «Yobel» (jobel) se fundiu

com esta palavra latina «jubillum», mas não há senão uma coincidência verbal.

Esta solenidade do Jubileu celebrava-se cada 49 anos; mas, segundo outros, cada quinquagésimo ano, certamente apoiando-se no Lev. 25, onde também é chamado o Ano Jubilar o «quinquagésimo ano». Não encontraremos facilmente a explicação se não nos transportarmos aos tempos bíblicos, para penetrarmos na maneira como se expressavam os judeus. Vejamos alguns casos típicos: 1) Jesus disse que estaria três dias e três noites no seio da terra (Mat. 12:40), o que não corresponderia à verdade se não soubéssemos que Cristo pretendia dizer: parte de sexta-feira, o dia inteiro de Sábado e parte da noite de Domingo. 2) O número de tradutores da versão grega do Velho Testamento, chamada a dos Setenta ou Septuaginta, deu origem ao nome da tradução. No entanto, sabe-se que o número exacto de sábios foram setenta e dois. Aqui manifesta-se, como no quinquagésimo ano, a tendência dos hebreus para arredondar os números.

Em adição, convém lembrar sobre que princípios religiosos assentava o Jubileu:

1. *Deus é o Proprietário do País de Canaã* — Em Lev. 25:23, o Senhor declara: «A terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é Minha.» E. G. White acrescenta: «O povo devia ser impressionado com a facto de que Ele era o legítimo possuidor, o proprietário original.» (3) O homem é simples mordomo ou rendeiro. Ele não devia vender a terra, pois não era dele. Só em caso extremo de pobreza podia fazê-lo, mas no Jubileu voltava ao possuidor de origem. André Trocmé descreve esta situação: «Se bem que Deus fosse o único proprietário da terra, não Se manifestava como um potentado oriental reduzindo Seu povo à servidão, mas como um bom pai de família, confiando a Seus servos a administração de Seus bens, de que Ele concedia o livre usufruto, e que a intervalos regulares reclamava a prestação de contas e repartindo de novo o capital de que Ele era o único proprietário.» (4) No Egipto, o esquema social faraónico era a antítese do sistema proposto pelas práticas jubilares.

2. *Deus é o Libertador do Seu Povo* — «Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra do Egipto, para vos dar a terra de Canaã, para ser vosso Deus», refere-nos Lev. 25:38. Em Deut. 15:9, 15, Moisés escreveu: «Vai-se aproximando o sétimo ano, o ano da remissão... Lembrar-te-ás de que foste escravo na terra do Egipto, e de que o Senhor teu Deus te resgatou.» O Levítico insiste: «Apregoareis liberdade na terra.» (1) Portanto, é bem visível o intuito de Yahvé

para com o Seu povo — autêntica libertação em Seu braço paternal, quer económica, quer social ou espiritualmente.

Para esta total libertação, o Senhor anunciou várias medidas prescritivas, que analisaremos a seguir:

Prescrições do Ano Jubilar

O Ano Sabático, assim como o Jubileu, prescreviam quatro operações: o descanso das terras aráveis; a remissão ou anulação das dívidas; a libertação dos escravos; o regresso à posse do património pessoal. Ponderemos cada uma em particular.

1. *Descanso das Terras Aráveis* — Diz o Senhor: «A terra guardará um Sábado ao Senhor. Seis anos semearás a tua terra... porém ao sétimo ano haverá Sábado de descanso». (1) E. G. White observa: «O Ano Sabático devia ser um benefício tanto para a terra como para o povo. O solo ficando inculto durante um ano produzia mais abundantemente depois.» E acrescentava acerca do tempo de descanso: «Ele oferecia oportunidade para a restauração das suas capacidades». Outro autor comenta: «Numa época em que se desconhecia a rotação das culturas e se ignoravam os sistemas de abono, era sumamente importante que a terra cultivada permanecesse em descanso periódico, para evitar um rápido e progressivo empobrecimento do solo.» (2)

No entanto, com o correr dos anos, os proprietários hesitaram em cumprir este requisito. Um tanto como com o Jejum de Ramadan, que os muçulmanos praticam, umas vezes gemendo, outras agindo fraudulentamente, assim se passava com os hebreus. Os agricultores necessitavam de grande coragem para fazerem descansar suas terras, esperando apenas na bênção especial de Deus. Muitos se inquietavam, mas Yahvé previra tal desespero: «No caso que digais: Que comeremos no ano sétimo, visto que não havemos de semear... Então Eu mandarei a Minha bênção sobre vós no sexto ano, para que dê fruto por três anos». (1) De facto, quando voltavam a semear no oitavo ano, ainda comiam da bênção de Deus, o mesmo que dera o maná no deserto.

2. *Remissão ou Anulação das Dívidas* — Segundo a revelação de Moisés, ao fim de sete anos se faria remissão. Depois surge o modo da remissão: «Que todo o credor que emprestou ao seu próximo uma coisa, o quite; não a exigirá de seu próximo ou de seu irmão, pois a remissão do Senhor é apregoada». (5) Com o tempo os judeus criaram um inconveniente grave. A medida

que se aproximava o Ano da Remissão, os mais ricos hesitavam em conceder empréstimos, receando perder seu capital na Remissão que voltava cada sete anos. Congelados os créditos, as transacções estagnavam e a economia hebraica paralisava. Contra o temor de conceder empréstimos, Deus avisara o povo: «Guarda-te que não haja em ti palavra de Belial... e o teu olho seja maligno para com teu irmão e não lhe dê nada... Livremente lhe darás... pois por esta causa te abençoará o Senhor.» (5) Paralelamente à generosidade do credor que obedecia a Deus, deveria corresponder a honestidade do devedor, que por sua vez não devia abrigar-se na protecção jubilar para não pagar a dívida.

Os rabinos dos séculos posteriores ao exílio de Babilónia, mesmo os mais ortodoxos, como Hillel e Shamaï, que eram considerados os zeladores da Lei, hesitaram em exigir a aplicação rigorosa das práticas jubilares. Tal foi o espírito de Belial que envolveu Israel. Precisamente o que Deus quis evitar foi a avareza acompanhada de usura, proibida em Exo. 22:26 e Lev. 25:35-37, e bem assim evitar a concentração do capital numa minoria.

3. *A Libertação dos Escravos* — Acerca desta medida prescreve o Levítico: «Quando teu irmão empobrecer... não o farás servir de escravo. Como jornaleiro e peregrino estará contigo; até ao Ano do Jubileu te servirá... depois tornará à sua família.» (1) Por conseguinte, em Israel não devia haver escravos «à maneira oriental ou romana» (4), posto que Deus os libertara do Egipto e da sua escravatura. Diz ainda um comentador: «A escravidão em todo o sentido não existia para os hebreus.» (6) Eram, portanto, jornaleiros que deviam ser libertados no sétimo ano, que não corresponderia necessariamente ao Ano Sabático ou Jubileu. A servidão em Israel era a consequência de hipotecas tomadas por um credor sobre os bens pessoais de um devedor insolvente. Este, não podendo pagar, liquidava suas dívidas com o seu serviço e, em casos mais extremos, com sua mulher e filhos. Isto originava uma situação de «escravatura» de facto. Sobrevindo o Jubileu, o «escravo» (melhor dito: o servo) regressava à sua família, e as dívidas eram remidas ou anuladas.

Deus não queria Seus filhos na servidão, pois os remira da opressão estrangeira. Para salientar essa situação, esta prescrição não abrangia os servos estrangeiros em Israel. Com o tempo, o inimigo inspirou os ricos à avareza, de forma que faziam voltar ao serviço os servos já libertos. Contra estes abusos, no reinado de Zedequias, se in-

surgiu o profeta Jeremias, que advertiu o rei, os príncipes e povo em geral, com a ameaça de cativo em Babilónia, se não praticassem o Jubileu. Infelizmente assim aconteceu, como vaticinara o mensageiro de Deus. (7) Após o exílio, de novo caíram em desgraça, retendo os servos. Neemias, o restaurador, se manifesta contra este abuso, reúne os principais do povo e proclama um Jubileu. Mais feliz que Jeremias, realiza uma grande reforma, que culmina com o «Amen» de toda a Assembleia. (8)

Aqui vemos manifesto o desejo divino para com o Seu povo: uma sombra da futura igreja cristã.

4. *O Regresso à Posse dos Bens Pessoais* — Em geral o património pessoal cifrava-se na quantidade de terras com as suas casas e gados. Como vimos, o empobrecimento motivava a contracção de empréstimos sobre hipotecas de propriedades. Mas o credor não devia impedir o resgate da parte do parente próximo do devedor. (1) De qualquer modo, no Jubileu, ele tinha que entrar na posse dos bens perdidos.

Este sistema teocrático contrastava com aqueles outros orientais, cujos deuses encarnados no próprio rei reduziam o povo à servidão, exigindo dele grandes tributos. Encontramos alguns casos deste sistema em certos países árabes, onde subsiste o regime do «Hamsin», que obriga o rendeiro, ou súbdito, a entregar quatro quintos da colheita ao senhor local.

Na Índia existem os «Zamindars», espécie de publicanos ou exactores dos agricultores, que lhes tributam pesados encargos. Mas, em oposição a esta opressão, o Senhor ordenara a restituição dos bens a cada empobrecido. No entanto, sabe-se que isto se perdeu de vista. A Mishna e o Talmud, livros correspondentes à Tradição no pós-exílio, justificavam o abandono das práticas mais severas. O «Livro dos Jubileus», bem como Filão de Alexandria, já ao tempo de Jesus, não atribuíam às prescrições senão um significado ritual, isto é, a celebração de dias, meses e anos, segundo um calendário ortodoxo.

Os rabinos aconselhavam suas práticas, mas atenuavam o rigor, em detrimento das ordens de Deus. Isto criou uma situação de negligência para com as regras jubilares, de tal modo que, nos tempos do Novo Testamento, apenas subsistia o repouso setenal das terras. Tal fora a apostasia!

Concluimos este exame retrospectivo dos tempos jubilares do Velho Testamento com a ideia de que as solenidades do Jubileu e Ano Sabático, instituídas por Deus no Sinai, estão incluídas no contexto salvífico do povo de Deus. As prescrições jubilares dei-

xam vincado o carácter do seu Autor: o amor para com os desamparados; a justiça que atinge o transgressor; e a libertação para o oprimido em cativo.

Podemos, pois, resumir os objectivos do Jubileu com as expressões: «libertação», «remissão», «perdão» e «aceitação», como tipos da grande Redenção proclamada por Jesus, o Salvador.

Sendo assim, teria Jesus proclamado um Jubileu? É o que iremos ver no próximo artigo.

BIBLIOGRAFIA

- (1) — Levítico, cap. 25.
- (2) — *Las Grandes Religiones*, Editores Mateu, Barcelona, vol. II, pág. 183.
- (3) — E. G. White, *Patriarcas e Profetas*, págs. 567-570.
- (4) — André Trocmé, *La Révolution non-violente*, Editions Labor et Fides, Genève, caps. 2 e 3.
- (5) — Deuteronomio, caps. 15 e 31.
- (6) — Bíblia Anotada, da Difusora Bíblica, pág. 209.
- (7) — Jeremias, cap. 34:8-21.
- (8) — Neemias, cap. 5.

FAMÍLIA JEWELL

É com saudade que vemos partir para os Estados Unidos a Família Jewell, que durante perto de trinta anos trabalhou em Angola e durante quatro anos em Berna, na sede da Divisão. Desejamos as bênçãos de Deus sobre a sua vida, gostosamente publicamos as palavras com que se despedem de todos nós:

Os nossos amigos de Portugal são todos os dias mencionados em nossas orações, e estávamos planeando visitar-vos neste próximo Verão por altura das nossas férias. Lamentamos profundamente termos de abandonar esses planos, em virtude de termos voltar para os Estados Unidos por causa da saúde dos pais de Irma, pois eles já não podem tratar de si mesmos e não têm ali outros filhos que possam cumprir este amável dever. Planeamos partir da Suíça pelos fins de Março, e o nosso novo endereço será: Box 987, Dothan, Alabama 36301, U.S.A. Continuamos a lembrar-nos de vós com amor cristão e aguardamos a vinda de Jesus para nos encontrarmos convosco de novo no Reino dos Céus.

Everett L. e Irma Jewell

A SEGUNDA MILHA



Quando Jesus andava pelo mundo, morava na Palestina, um país que tinha sido conquistado pelos Romanos. Ora, uma das leis feitas pelos Romanos era que um soldado romano podia mandar qualquer rapaz ou qualquer homem que encontrasse caminhar com ele e levar o seu fardo durante uma milha. Os Judeus não gostavam disto, e costumavam esconder-se quando avistavam um soldado romano. Eles não tinham pena dos soldados que tinham de carregar fardos muito pesados durante viagens compridas e enfadonhas, porque os soldados eram romanos, os vencedores e dominadores. Os Judeus não tinham senão ódio pelos Romanos. Por isso, muitas pessoas, não gostavam muito das palavras de Jesus quando Ele disse: «Amai a vossos inimigos ... se alguém te obrigar a ir carregado uma milha, vai com ele duas ... para que sejais filhos do vosso Pai que está nos Ceus.»

Um dia, um rapaz chamado David estava parado à beira da estrada, a olhar para as pessoas que passavam, umas a pé, outras montadas em burros ou em camelos. De repente um soldado romano parou em frente dele e disse:

«Olha, rapaz, toma este fardo!»

O David sabia que não podia recusar-se. Odiava aquela lei, mas receava desobedecer-lhe. Pegou no pesado fardo, colocou-o às costas, e começou a andar ao longo da estrada, um bom pedaço atrás do soldado. E enquanto caminhava ia murmurando: «Só uma milha, mais não.»

E dali a nada estas palavras eram como uma canção na sua mente: «Só uma milha, mais não — só uma milha, mais não.»

Mas depois começou a recordar-se da última vez que tinha caminhado ao longo dessa mesma estrada, no dia em que tinha ido fora da cidade para ouvir aquele novo profeta a respeito de quem toda a gente falava. Nunca esqueceria Aquele homem, nem as Suas palavras. De repente, uma frase do discurso do profeta veio-lhe à mente:

«Amai a vossos inimigos ... Se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.»

Duas milhas! Mas porque devia ele caminhar duas milhas? O que era que o Mestre tinha dito? Ah! Já se lembrava: «Para que sejais filhos de vosso Pai ...» E a canção na sua cabeça modificou-se; agora dizia assim: «Mais uma milha, duas milhas, mais uma milha, duas milhas!»

Então, antes de o rapaz ter tido tempo para resolver se havia de ir mais uma milha ou não, o soldado parou e disse:

«Dá-me o fardo; já andaste a tua milha.»

«Eu continuo», respondeu o David. «Ainda não estou cansado. Vai para muito longe?»

O soldado olhou para ele. O David notou então que o soldado era ainda jovem, e parecia muito cansado, apesar de se conservar tão direito. Depois de um momento, o soldado respondeu:

«Sim, vou para muito longe: vou para Roma!»

«Então deixe-me levar o seu fardo mais uma milha. Mais uma milha não é nada.»

«És muito bondoso!» respondeu o soldado, mostrando bem a surpresa que sentia.

E continuaram o caminho, mas agora lado a lado. E o David encontrou-se a conversar com o soldado como se o conhecesse há muito. Falou-lhe do seu lar e da sua família. Por seu lado, o soldado falou das viagens que tinha feito por outros países, e o David escutou-o com atenção. Tão interessados iam na conversa que a distância pareceu-lhes muito pequena.

«Dize-me, porque te ofereceste para vir comigo esta segunda milha?»

O David hesitou.

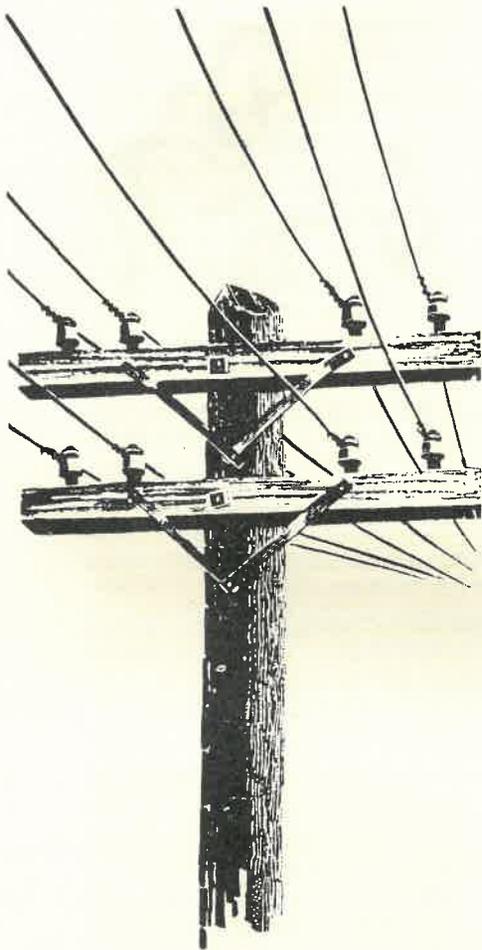
«Não sei bem, mas deve ter sido por causa duma coisa que o Mestre disse.»

E contou ao soldado tudo o que podia recordar das palavras d'Ele.

«É muito estranho!» disse o soldado pensativamente. «Amai a vossos inimigos! Que mandamento tão difícil! Gostaria bem de conhecer esse Mestre!»

(Continua na pág. 19)

NOTÍCIAS DO CAMPO



**E. Naenny, H. Kaetzner
e D. Sanguesa**

A fim de participarem no Instituto de Colportores que teve lugar de 7 a 12 de Abril, estiveram em Lisboa os Irs. E. Naenny e H. Kaetzner, respectivamente secretário e secretário-associado do Departamento de Publicações da Divisão Euro-Africana, e David Sanguesa, secretário do Departamento das Publicações da União Sul-Europeia.

O Pastor E. Naenny seguiu no dia 14 para Angola.

PORTO

Como vem sendo hábito desde há longos anos, a Sociedade de Dorcas continua a exercer a sua acção de beneficência. No passado mês de Dezembro, realizou-se uma exposição, a segunda no género, de trabalhos feitos com todo o carinho e amor, pelas nossas prezadas irmãs e alguns irmãos. O produto dessa exposição ultrapassou os 6.000\$00 e, com essa receita, pudemos aju-

dar 36 famílias através de: 207 peças de vestuário; pacotes de géneros alimentícios no valor de 2.907\$00; brinquedos no valor de 703\$00 e 2.170\$00 em dinheiro entregue.

Nesta quadra da Páscoa também ajudamos 30 pessoas com 130 peças de roupa; 17 lençóis novos que foram oferecidos a pessoas idosas e doentes e 1.050\$00 em dinheiro.

Rogamos a Deus que este espírito de caridade se possa desenvolver cada vez mais em cada um de nós e que continuemos a ajudar os nossos irmãos necessitados.

Casamento

No dia 27 de Fevereiro realizou-se, nesta Igreja, o casamento dos Jovens irmãos Lídia e Alberto Moreira. Este irmão tem sofrido várias perseguições por parte de seus pais em virtude da sua fé e, tendo em conta os poucos recursos económicos dos noivos, os nossos irmãos mais uma vez puseram em acção o seu espírito de solidariedade e propuseram-se, além das numerosas prendas, oferecer um copo de água aos noivos, que teve lugar no salão dos jovens. Por este motivo esta festa de casamento transformou-se em alegre e fraterno convívio e os pais do noivo, que nesse dia vieram pela

primeira vez à Igreja, gostaram tanto do ambiente e ficaram tão sensibilizados com a amabilidade dos nossos irmãos que lamentaram a perseguição feita ao filho e prometeram continuar a vir à Igreja, o que têm feito algumas vezes.

Que Deus derrame as Suas bênçãos sobre o novo casal são os nossos votos.

Escola Cristã de Férias

Também teve lugar na Igreja do Porto a 3.ª Escola Cristã de Férias, na qual participaram perto de 40 crianças, quase na totalidade não adventistas.

Foram 10 dias de alegria, conforme podemos constatar através das fotografias.

Que a semente lançada nestes pequeninos seres possa produzir para a Vida Eterna.

Fernando Garcia Mendes

OLIVEIRA DO DOURO E AVINTES

Concedeu-nos o Senhor o privilégio de trabalhar no início do nosso ministério em duas igrejas que são sobretudo caracterizadas por um zelo missionário excepcional; são elas: Oliveira do Douro e Avintes.

Oliveira do Douro: Uma igreja de 134 membros relativamente



Porto — A Sociedade de Dorcas em acção



Porto — Escola Cristã de Férias

Jovem, com um grande número de jovens que a tornam ainda mais jovem e mais missionária.

Ao chegarmos aqui ficámos surpreendidos com os melhoramentos que estavam sendo feitos na igreja. Melhoramento do baptistério ornamentado com um maravilhoso fresco pintado pelo irmão Silva da igreja do Porto, (ao qual estamos muito agradecidos), pintura em todo o edifício por dentro e por fora, cortinados novos de veludo, alcatifas nas escadas, coxias e tribuna, salas de jovens envernizadas. Em tudo isto, os irmãos puseram o seu melhor não se poupando a esforços, para tornar a igreja um lugar onde nos sintamos bem. Tudo isto que importou em algumas dezenas de milhares de escudos os irmãos fizeram por conta própria, considerando as palavras de Ageu I:24.

Aos irmãos que contribuíram quer com os seus esforços quer com a sua ajuda financeira os nossos maiores agradecimentos e o desejo de que Deus os abençoe muito.

Foi também no passado mês de Novembro que durante uma semana inteira tivemos o privilégio de ter connosco o nosso prezado irmão Eugénio Rodriguez, que veio dirigir um curso de pregadores leigos.

Além da presença de irmãos que esporadicamente assistiam ao curso, registámos a presença de uma dúzia de irmãos (dos quais alguns da igreja de Avintes) que não faltaram uma única noite, nesta abençoada semana de curso. Que Deus abençoe este punhado de obreiros leigos, in-

flamando-os do seu santo zelo e amor, para que por meio do Evangelho abram a muitas almas o reino de Deus.

Escola Cristã de Férias: Posso eu também assistir à escola cristã de férias? Quando é que começa a escola cristã de férias? Tais eram as perguntas com que várias crianças se dirigiam a nós depois que revelamos a nossa intenção de levar a efeito uma escola cristã de férias durante a quadra do natal.

Assim depois de ter pedido directrizes ao pastor Eugénio Rodriguez marcámos uma data para dar início a esta escola cristã de férias. Contávamos com aproximadamente 10 crianças, mas bem nos enganámos porque logo no

primeiro dia apareceram 20, e a dezoito destas vinte crianças tivemos o privilégio de distribuir os seus trabalhos manuais no último dia de encerramento.

Estamos agora por meio destas crianças empenhados em contactar com os seus pais e ganhá-los para Jesus. ✓

Baptismos: Foi no Sábado 26 de Fevereiro que tivemos o privilégio de ver descer às águas baptismais oito preciosas almas (duas das quais pertenciam à igreja de Avintes) que testemunhando publicamente a sua fé se entregaram ao nosso amoso Salvador. Que o Senhor se digne abençoar muito os novos irmãos na fé.

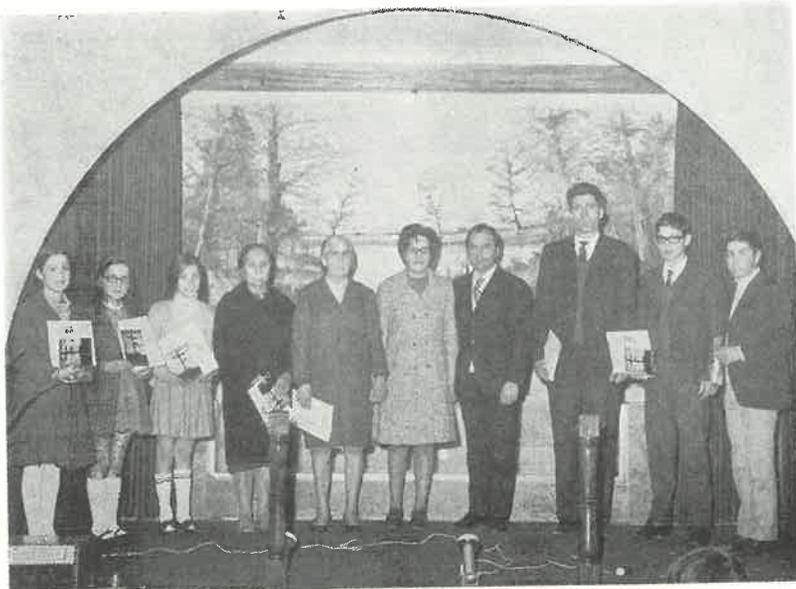
Gaia: Foi no dia doze de Março que terminámos mais um esforço de evangelização, «A Bíblia na Mão», nesta importante vila noroeste. Tivemos o privilégio de entregar quatorze Bíblias e seis livros (o Senhor Vem) às visitas que assistiram a todas as reuniões ao longo deste esforço. Várias portas nos estão abertas em V. N. de Gaia. Contamos com a ajuda do nosso punhado de pregadores leigos para poder atender aos convites que as visitas nos fizeram para que se estude nos seus lares a Palavra de Deus.

Avintes: Foi no dia 12 de Dezembro que se uniram através dos laços matrimoniais os nossos prezados jovens, Rosária de Jesus e Salvador Carvalho. Ao novo casal desejamos muitas felicidades e que as bênçãos de Deus sejam derramadas em abundância sobre o seu lar.

J. Maria Casaquinha



Oliveira do Douro — Novo Baptistério



Oliveira do Douro e Avintes — Membros recém-baptizados

MATOSINHOS

Depois de alguns meses de trabalho sistemático de porta em porta aos sábados à tarde e de termos feito várias inscrições no curso «Futuro Brilhante» e distribuído impressos da «Voz da Esperança», com a graça de Deus pudemos ver concretizados os planos de abertura de uma sala de conferências em Matosinhos.

Foi precisamente no dia 11 de Março que a nossa nova Igreja foi inaugurada com uma série de conferências — A Voz da Esperança, efectuada pelo seu locutor, Pastor Baião. Finda esta série, imediatamente iniciamos uma nova — Bíblia na Mão, reuniões estas que se realizaram durante 16 dias. As pessoas convidadas através do contacto pessoal dos nossos irmãos, e algumas através de convites especialmente distribuídos para o efeito, vieram. Vieram a primeira vez e cremos que gostaram, pois continuaram a vir sistematicamente, noite após noite, durante três semanas, sendo a média de 65 visitas por noite.

Vimos, de uma maneira bem clara, que o Espírito de Deus estava connosco, abençoando o nosso trabalho e tocando o coração daquelas almas sedentas da Verdade.

No passado domingo de Páscoa, dia em que terminou esta série de conferências, procedemos à distribuição de Bíblias às visitas que tinham completado 12 presenças. Receberam as suas Bíblias 33 pessoas. Anteriormente já tinham sido entregues mais de 40 livros «O Senhor

Vem» e «A Vida de Jesus», a quem tinha assistido a 8 reuniões.

Terminada esta série, convencionou-se o novo horário de reuniões — Quintas e Domingos às 21 horas e Sábados às 16 horas. Na primeira reunião de quinta feira contactámos que o entusiasmo das nossas visitas não diminuiu. Achavam-se na sala 50 visitas.

No sábado seguinte, tivemos o grato prazer da presença do Pastor Ernesto Ferreira e de sua Esposa e, presentemente temos uma Escola Sabatina com 20 membros adultos e 10 crianças inscritos; todas as pessoas que

tiveram conhecimento da Mensagem através dos contactos missionários e das reuniões.

Nalgumas reuniões colaborou connosco um quarteto feminino da Igreja do Porto que nos elevou a alma aos Céus através de maravilhosos hinos.

A abertura desta nova sala deve-se, especialmente, ao espírito missionário de muitos irmãos e jovens da Igreja do Porto, aos quais agradecemos na pessoa do director da Sociedade Missionária, irmão Alberto Silva, cujo espírito entusiástico e impulsor a todos animou.

Situada na Rua D. João I, 130, a Igreja Adventista possui um novo lugar de culto de aspecto atraente e acolhedor.

Para os necessários arranjos da sala, contámos com a colaboração dos irmãos António de Jesus, Virgílio Faustino e Gilberto Macedo, entre outros e das irmãs Idalina Mendes e Judite Mendes.

Pedimos as vossas orações para que esta nova sala seja um meio de encaminhar muitas almas para o Céu.

Fernando Garcia Mendes

BARREIRO E BAIXA DA BANHEIRA

A Igreja do Barreiro viveu momentos de grande alegria espiritual, durante a Campanha de Evangelização realizada de 3 a 12 de Março.

Desta vez coube ao pastor Orlando Costa vir à sua terra natal pregar as boas novas da salvação.

As excelentes mensagens que pregou foram escutadas atenta-



Matosinhos — Aspecto da assistência



Barreiro — Membros recém-baptizados

mente pela numerosa assistência que noite após enchia a nossa sala de culto.

Esta Campanha culminou com o baptismo de seis almas que se renderam a Cristo, a fim de estarem «preparadas... para as bodas».

Entre elas mencionamos a jovem Liliete, irmã da saudosa Maria Inês Baptista Pereira, a quem o Senhor fez descansar até aquele grande dia.

A seu respeito podemos citar o Espírito de profecia, que diz: «Sua morte pôde realizar o que sua vida não conseguiu fazer» Actos dos Apóstolos, pág. 418.

Oh! que feliz encontro no dia em que Jesus voltar.

Que o Senhor nos guarde fiéis até ao fim.

Arnaldo Borges

PONTA DELGADA

Foi com regozijo que a congregação de P. Delgada assistiu ao espiritual culto, feito pelo Pastor E. Ferreira, em 17 de Novembro de 1971, e que se dirigia à Ilha Terceira, onde acompanhado com o director do campo local, ía fazer uma série de reuniões na nossa Igreja de Angra e ao mesmo tempo presidir a uma cerimónia de consagração ao Santo Ministério do Obreiro da ilha do Pico, Irmão João de Mendonça. Sobre o que se passou nestas reuniões, escreveu exaustivamente para os leitores da nossa Revista, o pastor da Terceira Ir. Daniel Silva, artigo profusamente ilustrado aparecendo no mês de Janeiro do ano corrente.



Ponta Delgada — Novos membros

Irmãos e bastantes visitas. Nessa festa sentimos Jesus nascer nos nossos corações.

Foi com alegria que no dia de Sábado, 25 de Setembro de 1971, os crentes de P. Delgada, se reuniram em volta do batistério, para verem nascer de novo 2 preciosas almas, as Irmãs Hermelinda e Urânia. Na mesma ocasião estava connosco em espírito, pois era recebida na Igreja por voto, a Irmã Hermínia, residente na vila da Povoação, mãe desta última, velhinha e doente, já há vários anos de cama, paralítica. Oh, quanto almejamos aquela pátria, onde ninguém dirá: «enfermo estou».

Também no dia 1 de Abril deste ano se cantou o hino: «Oh que Belos hinos cantam lá no Céu, pois se converteu um pecador». Selaram um pacto com o Senhor através das águas e do Espírito os jovens, Merilde e João Silva, e o casal de Irmãos Esmeralda e Gabriel. Votos para que Deus os faça «colunas» em Sua Igreja.

Foi no dia 11 de Dezembro último que realizámos o funeral da Irmã Guilhermina da Costa Carreiro, uma das pioneiras da nossa Igreja de P. Delgada, e que no dia anterior, «dia da preparação», faleceu em sua casa.

O seu baptismo foi feito pelo Pastor Mansell iniciador da Obra em S. Miguel. Era crente há 34 anos, foi baptizada em 1938. Contava 71 anos de idade.

Foi sempre uma verdadeira «Mãe em Israel» e deixa vários familiares pertencendo à nossa Igreja. Conforta-nos a certeza



Ponta Delgada — Mais duas pessoas baptizadas

que nela se cumprem as palavras: «Bem aventurados os que desde agora morrem no Senhor...», e a esperança de a tornarmos a ver na manhã gloriosa da ressurreição, naquela em que «os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro». «Portanto consolai-vos uns aos outros com estas palavras». São as que dirigimos à família enlutada, sobretudo a sua filha e nossa Irmã Dolores Inês.

Colaborador amigo,

Manuel Laranjeira

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

(Cont. da pág. 20)

As Publicações na Alemanha

A casa editora de Hamburgo é a mais importante da Europa com os seus 176 empregados (em 1970), os seus técnicos altamente qualificados e o seu equipamento moderno. Ela é capaz de produzir muito mais ainda. É um imenso potencial que se une às nossas 14 casas editoras com os seus 150 empregados. Haverá pois doravante 15 casas editoras e 326 empregados na nossa Divisão.

A colportagem está muito bem organizada na Alemanha Ocidental, ao passo que na Alemanha

Oriental o trabalho se faz como nos países socialistas, isto é, são os nossos membros que colocam as nossas publicações. Infelizmente, como sucede em todos os países que desfrutam de uma alta conjuntura económica, perdemos, na Alemanha Ocidental, um certo número de colportores nestes últimos anos e o recrutamento de novas forças é um problema. Mas graças a métodos de venda eficazes (coleções), o número de vendas tem aumentado. Em 1970, os 346 colportores venderam 8 623 868 F. Se acrescentarmos os 370 colportores da nossa Divisão e os seus 8 993 561 F de vendas, atingimos 716 colportores e 17 617 429 F de total de vendas. Obtemos assim as melhores vendas de todas as Divisões fora da América do Norte.

E. Naenny

«A Bíblia Responde»

Em Luanda, no Brasil, um jovem budista japonês, empregado bancário, seguiu o Curso «A Bíblia Responde» que lhe foi oferecido por um membro leigo. Esse japonês, chamado Tieto Onaka, ficou encantado com a mensagem que descobriu na Bíblia. Sua noiva, a irmã desta e ele próprio são hoje membros da nossa igreja. Um mês após o seu baptismo, Tieto Onaka assumia o cargo de director da sociedade missionária de sua igreja.

G. Poublan

Ministro Surdo Realiza Reuniões de Evangelização

Artur W. Griffith, de Portland, Oregon, Estados Unidos, ministro ordenado surdo, recentemente realizou reuniões de evangelização no Gallaudet College, em Washington, D. C. Este é, em todo o mundo, o único colégio de artes liberais para surdos. Entre os alunos há 20 jovens adventistas e muitos não-adventistas que estão interessados em nossas crenças.

Caris H. Lauda

Operação Lareira Ganha 70 em Haiti

Setenta pessoas foram baptizadas e se tornaram membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Haiti como resultado das actividades da Operação Lareira dos MV.

Recentemente, o Pastor Vitor Leveille organizou oito equipas da Operação Lareira em preparação para uma cruzada de duas semanas. Mais de 100 não-adventistas assistiram cada noite. O Senhor abençoou grandemente as actividades dos nossos jovens no programa da Operação Lareira, tendo muitos indivíduos aceitado a Jesus Cristo como seu Salvador.

Entre os novos membros baptizados encontrava-se um jovem que imediatamente depois de entrar na igreja se dedicou com entusiasmo ao evangelho em favor de outros jovens. Foi baptizado em Dezembro de 1971, e já ganhou três, que são hoje membros baptizados da igreja.

L. M. Nelson

Alunos de Curso Bíblico Encontrados por Colportores

Sessenta e três por cento de todos os alunos matriculados na Escola Bíblica de Fé para Hoje são pessoas contactadas por colportores, segundo Gordon F. Dalrymple, director das relações públicas de Fé para Hoje. Os nossos dirigentes do Departamento de Publicações estão encorajando os colportores através de toda a Divisão Norte-Americana para matricular nalgum curso bíblico por correspondência pessoas que mostrem interesse no Adventismo. O Pastor Dalrymple afirma que há mais de 12 por cento de possibilidade de que o indivíduo que segue um curso bíblico se torne adventista do sétimo dia, tanto que siga o curso até ao fim.

D. A. McAdams

HISTÓRIA DO MÊS

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 14)

Tinham chegado ao cimo duma colina, e ali era o fim da segunda milha. O soldado parou.

«Agora tens de voltar para casa!»

Tomou o fardo e colocou-o às costas.

«Adeus, amigo!» disse o soldado.

«Adeus, amigo!» respondeu o David, sorrindo.

E apertaram as mãos.

E enquanto o David voltava para casa, as palavras do Mestre persistiam nos seus pensamentos: «Se alguém te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas». E à força de as repetir, outras se lhe juntaram com uma nova e profunda alegria:

«É verdade! Está provado! Caminhei uma milha, atrás de um inimigo, mas caminhei a segunda milha com um amigo!»

Dorothy Schauffler



Ser Mãe

*Ser mãe é ter o peito transbordando,
Toda a ternura, todo o sentimento;
Viver ora sorrindo, ora chorando;
Um misto de prazer e sofrimento!...*

*É passar a existência procurando
De outro ser afastar qualquer tormento,
Sempre atenta, jamais se descuidando
Um instante, sequer, um só momento!*

*É padecer se acaso ele padece...
É ter a sorte dele à sua unida,
Sofrendo dor talvez que não merece!...*

*É lembrar-se fazendo-se esquecida...
É ter sempre nos lábios uma prece...
Numa vida viver mais de uma vida...*

Ricardo O. S. Azevedo

AGENDA ADVENTISTA

Junho de 1972

CALENDÁRIO DA IGREJA

Dias

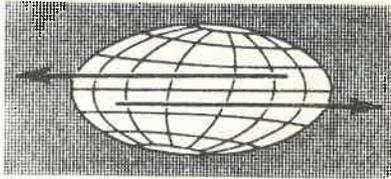
- 3 — Dia da Voz da Profecia (Inscrições para o Curso Bíblico por Correspondência)
- 3 — Oferta para a Rádio
- 10 — Dias dos Desbravadores MV
- 24 — Dia de Baptismos

TABELAS DO PÔR-DO-SOL

	Lisboa	Funchal	P. Delgada
2	20.56	20.11	19.59
9	21.00	20.14	20.03
16	21.04	20.16	20.06
23	21.05	20.18	20.08
30	21.06	20.19	20.09

DEVOÇÃO MATINAL

- Qui. 1 — Cant. Sal. 2:11, — Quando a natureza de regozija 12
- Sex. 2 — Ezeq. 36:26 — Um novo coração
- Sáb. 3 — Sal. 95:7, 8 — Guardai-vos do coração duro
- Dom. 4 — Prov. 4:23 — Guardando o coração
- Seg. 5 — Sal. 139:23, 24 — Deus sonda o coração
- Ter. 6 — 1 Tim. 6:12 — Soldados no campo de batalha da vida
- Qua. 7 — 1 Ped. 2:9 — Das trevas para a luz
- Qui. 8 — 1 Ped. 2:5 — Pedras vivas na casa espiritual de Deus
- Sex. 9 — Heb. 10:25 — As bênçãos do companheirismo cristão
- Sáb. 10 — Efé. 3:14, 15 — Um com a Igreja do Alto
- Dom. 11 — Mal. 3:16 — O Senhor ouve os nossos testemunhos
- Seg. 12 — Efé. 4:4, 6, 7 — Unidade na diversidade
- Ter. 13 — João 17:21 — Um em Cristo
- Qua. 14 — 1 Cor. 1:10 — Unidos em um mesmo sentido e um mesmo parecer
- Qui. 15 — 2 Cor. 6:7 — Vitória sobre cada inimigo
- Sex. 16 — João 13:34, 35 — A cadeia dourada do amor
- Sáb. 17 — 1 João 2:10 — Não deis ocasião ao tropeço
- Dom. 18 — 1 João 4:7 — Que o amor reine
- Seg. 19 — Gál. 5:13, últ. p. — Amor em acção
- Ter. 20 — Gál. 6:1 — Auxílio para o que erra
- Qua. 21 — Mat. 18:21, 22 — A regra divina para perdoar
- Qui. 22 — Mat. 5:9 — Bem-aventurados os «pacificadores»
- Sex. 23 — Tiago 2:1 — Para Deus não há castas
- Sáb. 24 — 1 Ped. 4:8 — O manto da caridade
- Dom. 25 — Gál. 6:10 — Ajudando-se uns aos outros
- Seg. 26 — Rom. 15:1 — A graça da simpatia
- Ter. 27 — Rom. 12:10 — Sêde cortezes
- Qua. 28 — Heb. 12:12, 13 — «Fazei veredas direitas»
- Qui. 29 — Actos 9:6, se- gunda p. — Alegria no serviço humilde
- Sex. 30 — Rom. 13:12 — O precioso tesouro do tempo



ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Exército de Jovens Adventistas Ajuda a Combater as Drogas

O *Globo*, um dos maiores jornais do Rio de Janeiro, publicou recentemente um artigo descrevendo os esforços dos jovens adventistas do sétimo dia para ajudar o Governo Brasileiro a combater os narcóticos. O artigo, intitulado «80 000 jovens adventistas desejam combater o vício», descreve como uma comissão de dirigentes adventistas visitou Jarbas Passarinho, Ministro da Educação, e colocou à sua disposição 80 000 jovens adventistas para ajudar a campanha do Governo contra os narcóticos.

Os jovens que, diz o artigo, «não fumam, nem bebem, nem tomam drogas», desejam contactar viciados num esforço de os persuadir a cooperar em vencer o hábito.

Os jovens adventistas desejam também educar jovens que não têm usado tóxicos formadores de hábito, diz o artigo. «Os métodos geralmente empregados pelos adventistas nesta obra são... palestras, conferências, feiras e exibição de filmes em escolas, universidades e bases militares.»

«Os adventistas são de opinião de que o único poder capaz de libertar do vício o indivíduo, especialmente o jovem, é a religião», afirma o artigo. «É por isso que a igreja mantém 13 escolas de reabilitação para alcoólicos em São Paulo.»

M. S. Nigri

Um aviso

No Sábado 19 de Junho de 1971, realizava-se na igreja da Avenida Franklin, em New Orleans, nos Estados Unidos, uma cerimónia baptismal, presidida pelo Pastor Edwin H. Klein. Depois de o último neófito ter saído da água, o Ir. Klein estendeu a mão para tomar o microfone, a fim de dirigir um apelo à assembleia. Mas no momento preciso em que sua mão tocou no microfone, produziu-se uma descarga eléctrica, que instantaneamente causou a morte do pastor.

Pensamos que o Ir. Klein, que era um dos nossos melhores obreiros da Conferência de Geórgia-Cumberland, teria desejado que a sua história servisse de aviso a todos os seus colegas. Sejam quais forem as circunstâncias, ninguém tome na mão um microfone quando se encontra ainda num baptistério. Esta tragédia mostra o que pode suceder.

G. Poublan

Uma Oração Ouvida em Harlesden, na Inglaterra

Temos a certeza de que Deus, como nos tempos antigos, ainda hoje realiza milagres, como recentemente pudemos constatar.

Rose Studdart, uma jovem da nossa igreja, tinha perdido a vista por completo. Como os médicos não chegassem a compreender a razão da sua enfermidade, apesar de um cuidadoso exame, ela foi hospitalizada e posta em observação.

Nossos membros de igreja, principalmente os jovens, oraram e jejuaram e, para sua grande alegria, Rose recuperou completamente a vista. Ela prossegue actualmente os seus estudos.

Nosso reconhecimento sobe para Deus, que «cura todas as nossas enfermidades».

E. R. Alman

O Telefone em Auxílio dos Jovens

A Conferência da União Sudoeste (Estados Unidos) inaugurou um serviço telefónico, que funciona 24 horas por dia, denominado «Youth Action Line» e que se destina a jovens que se encontram envolvidos em problemas desde os que têm que ver com o sexo até à viciação narcótica.

Um cartão, com o número da «Action Line», ou seja, 214-235-5111, é distribuído por jovens adventistas convidando os jovens da comunidade a ligar em busca de auxílio, direcção e conselho em qualquer área. Centenas de jovens, desde New Orleans até Albuquerque, têm sido ajudados.

As chamadas telefónicas são respondidas por um de vários ministros ou secretários. Os consultantes são muitas vezes encaminhados para o pastor local da respectiva área ou para outro pessoal equipado para os ajudar.

Wayne P. Thurber

O Sanatório de Skodsborg

O Sanatório de Skodsborg está situado na costa da Riviera dinamarquesa a 15 quilómetros ao norte de Copenhague. É actualmente o maior estabelecimento adventista da Escandinávia, com as suas 254 camas e os seus 295 empregados, entre os quais se contam 4 médicos de tempo integral, especialistas em medicina de tempo integral, especialistas em medicina interna e em radiologia, 27 fisioterapeutas, 12 enfermeiras, 11 dietistas e 2 pastores.

São ali tratadas as doenças nervosas, estomacais e intestinais, os reumatismos assim como outras doenças não contagiosas. O estabelecimento está dotado de um ginásio.

Uma parte da propriedade era originalmente uma residência real. O sanatório foi aberto em 1898 pelo Dr. J. C. Ottensen. Com as construções e aquisições novas, o complexo é conhecido na região pelo nome de «aldeia branca», devido à cor dominante dos edifícios.

Desde o início, a hidroterapia, o exercício, as massagens e a dietética têm sido os principais remédios utilizados. No primeiro ano foram tratados apenas uns vinte doentes. Em 1963, a média diária era já de 240 pensionistas.

O sanatório compreende uma escola de fisioterapia reconhecida pelas autoridades dinamarquesas e norueguesas. Após três anos e meio de estudos, saem cada ano dessa escola uns vinte estudantes diplomados. Desde a sua fundação, o estabelecimento tem sido o modelo de uma dezena de clínicas e hospitais existentes actualmente na Europa do Norte.

G. Poublan

(Continua na pág. 18)